

# Reportagem Especial

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

## Mulheres são assediadas na rua

Pesquisa feita pela Faculdade Pio XII, a pedido de **A Tribuna**, revela que 71,31% das entrevistadas já foi alvo de cantadas grosseiras

Tais de Hollanda

Palavras, gestos e atitudes inconvenientes cruzam o caminho das mulheres que sofrem assédio. E elas são maioria, como mostra uma pesquisa da Faculdade Pio XII. De 624 mulheres ouvidas na Grande Vitória, 71,31% delas, ou seja, 445, admitiram que já passaram por isso na rua.

Na pesquisa, encomendada pelo jornal **A Tribuna**, foram ouvidas mulheres de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra entre os dias 6 e 9 de maio deste ano, em pontos de ônibus, terminais e avenidas.

O número de entrevistadas é baseado na população de cada município (dados do IBGE), a partir dos 16 anos, e a margem de erro é de 3,5% para mais ou para menos.

O coordenador da pesquisa, Robson Carlos de Souza, explicou o conceito de assédio no estudo. "Era desde uma cantada a um toque de um jeito maldoso. E a maioria disse ter sido assediada".

E a prática está no cotidiano, como contaram as estudantes de Direito da Ufes, Isadora Abelha, de 19 anos, Isabella de Paiva e Daniela Garcia, ambas de 21 anos.

Isabella de Paiva contou que está até procurando taxistas mulheres por conta de um assédio que sofreu. "Cinco taxistas gritaram grosserias para eu e uma amiga no último sábado. E eu pego táxi sozinha. Estava procurando dicas de taxistas mulheres por segurança, pois isso é uma opressão", afirmou ela.

O presidente do Sindicato dos Taxistas do Estado, Evanildo Moreira, contou que a prática é condenada pelo sindicato. "O assédio deve ser denunciado na prefeitura e até no 190".



ISADORA, Isabella e Daniela são estudantes de Direito e afirmam que a prática do assédio está no cotidiano de quem é mulher na Grande Vitória

### DEPOIMENTOS

“Um homem parou ao meu lado no trânsito e quando ele me cantou, fui fechando o vidro e tive de ouvir: 'Eu não mordo'”

Isadora Abelha, 19 anos, estudante

“Ouvi na balada: 'Se não quer dançar comigo, por que você veio?'. Antes as mulheres baixavam a cabeça. Hoje não”

Isabella de Paiva, 21 anos, estudante

“Vi três meninos se empurrando no ônibus e um deles disse: 'Isso é bom para a gente empurrar e passar a mão nas meninas'”

Daniela Garcia, 21 anos, estudante

A coordenadora de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado, juíza Hermínia Azoury, acredita que a contramão do assédio é o combate ao machismo.

“A intenção de quem pratica é que define o assédio como um cri-

me. E vem de uma cultura machista. É preciso ensiná-los a serem cidadãos e não só um macho”.

E o medo do estupro (56,57%) e do assalto (30,77%) tomam conta das mulheres que andam na rua sozinhas à noite, como apontou o estudo. Isadora Abelha contou que

em uma das situações precisou correr. “Percebi que um homem começou a andar muito próximo de mim e corri de volta para a academia”. “A preocupação maior nesses casos não é o roubo do celular, mas sim ser estuprada”, complementou Daniela Garcia.

## Abusos cometidos dentro dos ônibus

O simples ato de andar de ônibus também pode representar um momento de assédio. Segundo a pesquisa da Faculdade Pio XII, 151 mulheres acreditam que são menos respeitadas enquanto estão em seu trajeto no ônibus.

Destas, 48 mulheres são de Vila Velha. A titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalnsini, acredita que as mulheres têm de fazer mais denúncias desses assédios.

“Temos casos que homens alisaram mulheres contra sua vontade e até mostraram órgãos dentro de ônibus. O problema é que elas não fazem ocorrência”, contou.

Em 6 de fevereiro deste ano, uma vigilante de 38 anos foi assediada dentro de um ônibus da linha 506 (Terminal de Laranjeiras x Terminal de Itacibá), na Serra, à noite, quando um passageiro sen-

tou ao seu lado, colocou a parte íntima dele para fora da bermuda e escondeu com a mochila.

Ele ainda começou a esfregar a perna na vítima que gritou e o acusado foi levado à delegacia por ato

obsceno. A Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb) informou que em casos de assédio a orientação aos motoristas é interromper a rota e seguir com o veículo até uma delegacia.

**APARECIDA SFALNSINI** pede que as vítimas denunciem: “Temos casos em que homens alisaram mulheres contra sua vontade dentro de ônibus”



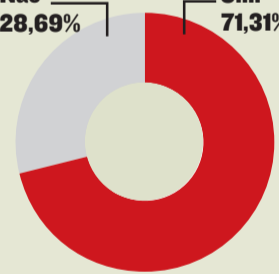
JULIA TERAYAMA - 13/12/2012

### O que diz a pesquisa

Mulheres mostram o que passam ao andar nas ruas da Grande Vitória

### VOCÊ JÁ FOI ASSEDIADA NA RUA?

Não 28,69% Sim 71,31%



### QUAL É O SEU MAIOR MEDO AO ANDAR SOZINHA NA RUA À NOITE?

Ser estuprada	56,57%
Ser assaltada	30,77%
Ser agredida	10,26%
Ser assediada	2,40%

**67,57%**

DAS ENTREVISTADAS EM VITÓRIA responderam que o que mais temem é ser estuprada, seguida de Vila Velha (53,67%), os municípios com o número maior de mulheres com esse receio.

### Metodologia

A pesquisa da Faculdade Pio XII foi feita entre os dias 6 e 9 de maio deste ano. Foram ouvidas 624 mulheres em pontos de ônibus, terminais e avenidas principais da Grande Vitória. A margem de erro da pesquisa é de 3,5% para mais ou para menos.

### DADOS

#### ONDE VOCÊ ACHA QUE A MULHER É MENOS RESPEITADA?

Na sociedade	50,16%
No ônibus	24,20%
Na família	12,50%
No trabalho	9,62%
Esc./ facul.	3,53%



## Reportagem Especial

## VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

## Ex-maridos são os que mais batem

Os ex-maridos são os que mais fazem suas ex-mulheres vítimas de agressão, como apontou a pesquisa do Centro de Pesquisa Rachid Mohamd Chibib da Faculdade Pio XII.

Das 624 mulheres ouvidas, 22,92% – o equivalente a 143 entrevistadas – afirmaram já terem sofrido violência doméstica.

Além dos ex-maridos (6,25%), maridos (4,49%) e namorados (3,04%) foram apontados como os acusados das agressões. Pais também estão na relação dos agressores, com 3,69% da fatia.

A maioria afirmou ter sofrido agressão física (11,06%). Em Cariacica, 14,89% das mulheres confirmaram esse tipo de agressão. A agressão sexual também é expressiva no município em que 7,80% das participantes da pesquisa relataram ter passado por isso.

Titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica, a delegada Michelle Meira contou que a procura da polícia reduz o risco de

morte para quem é agredida.

“Elas tocarem no assunto e até denunciarem mais significa que elas estão acreditando no trabalho da polícia. Entendem que esse é um passo para se libertar e evitar maiores tragédias”.

Das mulheres que confirmaram terem sido agredidas, 8,17% afirmaram que a agressão se deu por conta do uso de álcool ou drogas do agressor. Outra motivação apontada foi o ciúme (7,53%).

A doutora e professora do Departamento de Serviço Social da Puc-Rio, Luciene Medeiros, pontuou que esse cenário tem a ver com a situação de desigualdade entre sexos. “A violência contra a mulher é uma expressão dramática da desigualdade de gênero, que prega o machismo. Dados mostram que, a cada 100 mulheres, 70 são mortas por companheiros”.

E completou: “É preciso políticas públicas. Nem tudo é segurança. Uma rua mal iluminada, por exemplo, pode favorecer um caso de estupro”, avaliou.

NINA CARDOSO



**LUCIENE MEDEIROS** cobrou mais políticas públicas: “Nem tudo é segurança. Uma rua mal iluminada, por exemplo, pode favorecer um caso de estupro”

## 22,92% JÁ SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

## QUEM FOI O AGRESSOR?

Marido	4,49%
Ex-marido	6,25%
Namorado	3,04%
Pai	3,69%
Outros	5,44%

## QUAL FOI O MOTIVO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

Uso de álcool ou drogas	8,17%
Ciúme	7,53%
Traição conjugal	2,08%
Outros motivos	5,13%

\*O cálculo foi feito de acordo com as mulheres que responderam que já sofreram violência doméstica, ou seja, 22,92% delas.

## QUAL FOI O TIPO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOFRIDA?

Física	11,06%
Sexual	3,37%
Psicológica	5,77%
Moral	1,76%
Patrimonial	0,96%

## EM SUA OPINIÃO, O QUE LEVA UMA MULHER A NÃO DENUNCIAR UMA AGRESSÃO?

Medo do agressor	11,38%
Dependência financeira	1,44%
Preocupação com os filhos	2,56%
Vergonha da agressão	7,53%

## JURADA DE MORTE

WALDIR MOURA - 14/02/2016



## Atropelada pelo ex-marido na Serra

Uma vigilante de 36 anos experimentou a crueldade do ex-marido, também vigilante, de 42 anos, ao ingressar em um novo relacionamento com um electricista, de 44. O vigilante atropelou o casal.

O atropelamento foi em 13 de fevereiro de 2016, na avenida principal de Carapebus, na Serra, minutos após o acusado encontrar o casal na rua e mandar o electricista se afastar da ex-mulher dele.

Com o impacto, o electricista teve fratura exposta no braço direito, um corte na cabeça e foi operado. E ela cortou a mão esquerda.

“Com meu ex-marido preso pela Lei Maria da Penha, me sinto mais tranquila. Continuo namorando, mas meu namorado evita ir ao meu bairro. Já fui jurada de morte e agredida várias vezes pelo meu ex-marido antes e depois da separação”.

## Maioria das agredidas pela primeira vez tem até 19 anos

Uma faixa etária entre as mulheres se destaca quando o assunto é a primeira vez a sofrer violência doméstica: até 19 anos. O dado, da pesquisa do Centro de Pesquisa Rachid Mohamd Chibib, da Faculdade Pio XII, corresponde a 79 mulheres que admitiram ter sido agredidas.

Ainda na fase adulta, dos 20 aos 29 anos, 41 das participantes disseram ter sofrido alguma agressão também pela primeira vez. Os dados foram calculados em cima de 22,92% das entrevistadas que declararam terem sido agredidas.

A titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica, delegada Michelle Meira, acredita que parte das agressões nas faixas de idade citadas tem ligação com uniões precoces.

“Acontecem muitos casos em que elas conhecem uma pessoa na noite e pouco tempo depois já mo-

ram juntos. Isso sem conhecer bem a pessoa. Aí que mora o perigo. E depois de um tempo começam a sofrer agressões”, explicou a delegada.

E apesar das agressões começaram cedo, e terem acontecido mais de uma vez (11,38%) ou frequentemente (4,49%), poucas mulheres denunciam o caso às autoridades policiais, como mostrou a pesquisa da faculdade Pio XII.

Das entrevistadas, 57 mulheres (9,13%) afirmaram que não fizeram nada contra 27 delas que foram na Delegacia da Mulher.

Outras 17 afirmaram que foram em delegacias comuns para denunciar o caso. Mas ainda assim, muitos desses episódios acabam ficando restritos a pessoas mais íntimas. Segundo os dados, 34 participantes afirmaram que contaram com a ajuda da família, e oito mulheres disseram que contaram com o apoio de amigos.

## DADOS

## QUANTAS VEZES VOCÊ FOI AGREDIDA?

Apenas uma vez	7,05%
Mais de uma vez	11,38%
Sempre/frequentemente	4,49%

## QUAL FOI SUA ATITUDE DIANTE DA ÚLTIMA AGRESSÃO?

Denunciou na Delegacia da Mulher	4,33%
Denunciou em delegacia comum	2,72%
Procurou ajuda da família	5,45%
Procurou ajuda dos amigos	1,28%
Não fez nada	9,13%

## QUAL ERA A SUA IDADE QUANDO OCORREU A PRIMEIRA AGRESSÃO?

Até 19 anos	12,66%
20 a 29 anos	6,57%
30 a 39 anos	2,24%
40 a 49 anos	0,96%
50 a 59 anos	0,16%
60 anos mais	0,32%

\*Cálculo foi feito com base em 22,92% das mulheres que afirmaram ter sido agredidas.

## ANÁLISE

## “Principal motivo que impede denúncias é medo do agressor”

“Um dos dados que me impressionou na pesquisa é a idade com que essas mulheres são agredidas pela primeira vez. Até os 30 anos é o período em que ocorrem mais agressões de todos os tipos.

E o principal motivo que as impede de denunciar é medo do agressor. Todos nós, no geral, temos medo de perder a vida. E há casos em que a mulher até tem medida protetiva e

ele se aproxima e ainda a mata.

Mesmo com a Lei Maria da Penha, o ser humano não tem medo da lei, não tem medo da punição. A maioria acaba procurando ajuda dentro de casa em vez da polícia.

O ciúme cria uma série de situações na cabeça da pessoa e, às vezes, a pessoa vê coisas que não existem e usam esse pretexto para agredir a mulher.

O que falta nas pessoas é entender que ninguém é de ninguém. Não existe essa de ‘Essa mulher é minha’. É ignorância em todos os aspectos e não só cultural.

O homem não se conforma, entre aspas, em ser passado para trás. Mas esse sentimento de ‘estou perdendo’ não pode surgir. Isso vem muito da cultura machista, de querer ter domínio sobre a mulher”.

**Robson Carlos de Souza**, coord. do Centro de Pesquisa Rachid Mohamd Chibib, da Faculdade Pio XII



**9,22%**

DAS PARTICIPANTES de Cariacica declararam que marido e ex-marido eram seus agressores

## EM SUA OPINIÃO, A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO SEU MUNICÍPIO NOS ÚLTIMOS ANOS:

	AUMENTOU	CONTINUOU IGUAL	DIMINUIU	NÃO SABE/NÃO RESPONDEU
Cariacica	70,21%	19,86%	0,71%	9,22%
Serra	56,96%	29,11%	1,27%	12,66%
Vila Velha	51,98%	29,94%	7,34%	10,73%
Vitória	31,76%	32,43%	10,14%	25,68%
Grande Vitória	52,56%	28,04%	4,97%	14,42%